

## Compreender

Eu não gostaria de me prolongar aqui de maneira muito insistente em reflexões sobre teoria ou método destinados somente aos pesquisadores. “Nós só fazemos nos glosar uns aos outros”, dizia Montaigne. E mesmo se não fosse por isso, mas por qualquer outra razão, eu gostaria de evitar as dissertações escolásticas sobre hermenêutica ou sobre “a situação ideal de comunicação”; na verdade, eu creio que não há maneira mais real e mais realista de explorar a relação de comunicação na sua generalidade que a de se ater aos problemas inseparavelmente práticos e teóricos, o que decorre do caso particular de interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga.

Não creio que por isso se possa remeter-se aos inumeráveis escritos ditos metodológicos sobre as técnicas de pesquisa. Por mais úteis que possam ser para esclarecer tal ou qual efeito que o pesquisador pode exercer “sem o saber”, lhes falta quase sempre o essencial, sem dúvida porque permanecem dominados pela fidelidade a velhos princípios metodológicos que são freqüentemente decorrentes, como o ideal da padronização dos procedimentos, da vontade de imitar os sinais exteriores mais reconhecidos do rigor das disciplinas científicas; não me parece, em todo caso que eles levem em consideração tudo aquilo que sempre fizeram, e sempre souberam os pesquisadores que respeitavam seu objeto e os mais atentos às sutilezas quase infinitas das estratégias que os agentes sociais desenvolvem na conduta comum de sua existência.

Muitas dezenas de anos de prática da pesquisa sob todas as suas formas, da etnologia à sociologia, do questionário dito fechado à entrevista mais aberta, convenceram-me que esta prática não encontra sua expressão adequada nem nas prescrições de uma metodologia freqüentemente mais cientista que científica, nem nas precauções anticientíficas das místicas da fusão afetiva. Por estas razões me parece indispensável tentar explicar as intenções e os princípios dos procedimentos que nós temos colocado em prática na pesquisa cujos resultados apresen-

tamos aqui. O leitor poderá assim reproduzir na leitura dos textos o trabalho de construção e de compreensão de que eles são o produto.<sup>1</sup>

Ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos.<sup>2</sup> Sem dúvida a interrogação científica exclui por definição a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica capaz de afetar as respostas; acontece, entretanto, que nesses assuntos não se pode confiar somente na boa vontade, porque todo tipo de distorções estão inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa. Estas distorções devem ser reconhecidas e dominadas; e isso na própria realização de uma prática que pode ser refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica.

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma *reflexividade reflexa*, baseada num "trabalho", num "olho" sociológico, permite perceber e controlar *no campo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência de seus próprios pressupostos? Principalmente esforçando-se para fazer um uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos da ciência social para controlar os efeitos da própria pesquisa e começar a interrogação já dominando os efeitos inevitáveis das perguntas.

O sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo, se

1. Durante diferentes reuniões de trabalho, eu expus os objetivos da pesquisa e os princípios (provisórios) da entrevista que eu havia tirado de experiências realizadas desde muitos anos por mim mesmo ou por alguns colaboradores próximos (Rosine Christin, Yvette Delsaut, Michel Pialoux, Abdelmalek Sayad principalmente). A escolha dos temas e da forma possíveis da entrevista em função das características sociais do pesquisado potencial foi, a cada vez, atentamente examinada. Em muitos casos, a escuta ou a leitura da primeira entrevista suscitaram novas perguntas (de fato ou de interpretação) levando a uma segunda entrevista. Em consequência, os problemas, as dificuldades e os ensinamentos que uns e outros encontraram no curso da realização das entrevistas que eles estavam conduzindo foram regularmente submetidas à discussão durante meu seminário do Collège de France de 1991/1992. É na confrontação contínua das experiências e das reflexões dos participantes que o método foi pouco a pouco aparecendo, pela explicitação e a codificação progressivas das providências realmente tomadas.

2. A oposição tradicional entre os métodos ditos quantitativos, como a pesquisa por questionário, e os métodos ditos qualitativos como a entrevista, mascaram que eles têm em comum se apoiarem nas interações sociais que ocorrem sob a pressão de estruturas sociais. Os defensores das duas categorias de métodos têm em comum ignorar estas estruturas, como os etnometodólogos, cuja visão subjetivista do mundo social os leva a ignorar os efeitos que as estruturas objetivas exercem não somente sobre as interações (entre médicos e enfermeiras por exemplo) que registram e analisam, mas também na sua interação com as pessoas submetidas à observação ou à interrogação.

esforça para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente.

### Uma comunicação "não violenta"

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de *intrusão* sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados, etc.) é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca. É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras.

É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado. Esta dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural. O *mercado dos bens lingüísticos e simbólicos* que se institui por ocasião da entrevista varia em sua estrutura segundo a relação objetiva entre o pesquisador e o pesquisado ou, o que dá no mesmo, entre todos os tipos de capitais, em particular os lingüísticos, dos quais estão dotados.

Levando em conta estas duas propriedades inerentes à relação de entrevista, esforçamos-nos para fazer tudo para dominar os efeitos (sem pretender anulá-los); quer dizer, mais precisamente, para *reduzir no máximo a violência simbólica que se pode exercer através dele*. Procurou-se então instaurar uma relação de *escuta ativa e metódica*, tão afastada da pura não-intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário. Postura de aparência contraditória que não é fácil de se colocar em prática. Efetivamente, ela associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vistas, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria.

Para que seja possível uma relação de pesquisa o mais próxima possível do limite ideal, muitas condições deveriam ser preenchidas: não é suficiente agir, como o faz espontaneamente todo "bom" pesquisador, no que pode ser consciente ou inconscientemente controlado na *interação*, principalmente o nível da linguagem utilizada e todos os sinais verbais ou não verbais próprios a estimular a colaboração das pessoas interrogadas, que não podem dar uma resposta digna desse nome à pergunta a menos que elas possam delas se apropriar e se tornarem os sujeitos. Deve-se agir também, em certos casos, sobre a própria *estrutura* da relação (e, por isso, na estrutura do mercado lingüístico e simbólico), portanto na própria *escolha* das pessoas interrogadas e dos interrogadores.

### A imposição

Algumas vezes é surpreendente que os pesquisados possam ter tanta boa vontade e complacência para responder a perguntas tão absurdas, arbitrárias ou deslocadas como tantas daquelas que lhe são freqüentemente "administradas", principalmente nas pesquisas de opinião. Isto posto, é suficiente ter feito uma única entrevista para saber a que ponto é difícil concentrar continuamente sua atenção no que está sendo dito (e não somente nas palavras) e antecipar as perguntas capazes de se inscreverem "naturalmente" na continuidade da conversação seguindo uma espécie de "linha" teórica. Isto quer dizer que ninguém está livre do efeito de imposição que as perguntas ingenuamente egocêntricas ou, simplesmente, desatentas podem exercer e sobretudo livre do efeito contrário que as respostas assim extorquidas correm o risco de produzir no analista, sempre disposto a levar a sério, na sua interpretação, um artefato que ele mesmo produziu sem o saber. Assim,

por exemplo, quando um pesquisador continuando a ser tanto atencioso quanto atento, pergunta à queimadura a um operário metalúrgico, que acabava de lhe dizer quanta sorte ele teve de ficar toda sua vida na mesma oficina, se ele, "pessoalmente", estava, "prestes a partir de Longwy", e ele obtém, depois de passado o primeiro momento de franca surpresa, uma resposta delicada do tipo daquelas que o pesquisador e o codificador apressado dos institutos de pesquisa registrarão como uma aquiescência; "Agora [tom de surpresa]? Para quê? Partir... Eu não vejo a utilidade... Não, eu não creio que eu deixarei Longwy... Essa idéia ainda não tinha me passado pela cabeça... Além disso minha mulher ainda trabalha. Isso pode ser um freio... Mas deixar Longwy... Eu não sei, pode ser, por que não?... um dia... Eu não sei não... Mas eu não penso nisso agora. Eu ainda não pensei nisso porque eu estou... Eu não sei, porque não [risos], eu não sei, nunca se sabe..."

Tomou-se por isso a decisão de deixar aos pesquisadores a liberdade de escolher os pesquisados entre *pessoas conhecidas* ou pessoas às quais eles pudessem ser apresentados pelas pessoas conhecidas. A proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas das condições principais de uma comunicação "não violenta". De um lado, quando o interrogador está socialmente muito próximo daquele que ele interroga, ele lhe dá, por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas; suas escolhas vividas como livres, reduzidas aos determinismos objetivos revelados pela análise. Por outro lado, encontra-se também assegurado neste caso um acordo imediato e continuamente confirmado sobre os pressupostos concernentes aos conteúdos e às formas da comunicação: esse acordo se afirma na emissão apropriada, sempre difícil de ser produzida de maneira consciente e intencional, de todos os sinais não verbais, coordenados com os sinais verbais, que indicam quer como tal o qual enunciado deve ser interpretado, quer como ele foi interpretado pelo interlocutor.<sup>3</sup>

Mas o universo das categorias sociais que podem ser atingidas pelas condições otimizadas de familiaridade tem seus limites (mesmo quando as homologias de posição podem também fundamentar afinidades reais entre o sociólogo e certas categorias de pesquisados, magistrados ou educadores sociais por exemplo). Para tentar entender o mais plenamente possível, nós poderíamos também, como fizemos nas diferentes pesquisas anteriores, recorrer a estratégias como a que consiste em *representar papéis*, compor a identidade de um pesquisado ocupando uma posição social determinada para fazer falsas diligências de aquisição ou de procura de informação (principalmente por telefone). Aqui, optamos por diversificar os pesquisadores fazendo um emprego metódico da estratégia à qual Willian Labov recorreu em seu estudo sobre o modo de falar dos negros do Harlem: para neutralizar os efeitos da imposição da língua legítima, ele havia pedido a jovens negros que conduzissem a pesquisa lingüística; do mesmo modo nós tentamos, todas as vezes que era possível, de neutralizar um dos maiores fatores de distorção da relação de pesquisa instruindo com as técnicas da pesquisa pessoas que pudessem ter acesso, em razão da familiaridade, a categorias de pesquisados que desejávamos atingir.

3. Estes sinais de *feedback* que E.A. Schegloff chama *response tokens*, os "sim", "ah bom", "certo", "oh!" e também os acenos de cabeça aprovadores, os olhares, os sorrisos e todas as *information receipts*, sinais corporais ou verbais de atenção, de interesse, de aprovação, de incentivo, de agradecimento, são a condição da boa continuação da troca (a tal ponto que um momento de desatenção, de distração do olhar são em geral suficientes para causar uma espécie de embaraço para o pesquisado, e a fazê-lo perder o fio de sua entrevista); colocados no momento certo, eles atestam a participação intelectual e afetiva do pesquisador.

Enquanto um jovem físico interroga um outro jovem físico (ou um ator um outro ator, um desempregado um outro desempregado, etc.) com o qual ele compartilha a quase totalidade das características capazes de funcionar como fatores explicativos mais importantes de suas práticas e de suas representações, e ao qual ele está unido por uma relação de profunda familiaridade, suas perguntas encontram sua origem em suas disposições objetivamente dadas às do pesquisado; as mais brutalmente objetivantes dentre elas não têm nenhuma razão de parecerem ameaçadoras ou agressivas porque seu interlocutor sabe perfeitamente que eles compartilham o essencial do que elas o levarão a dizer e, ao mesmo tempo, os riscos aos quais ele se expõe ao declarar-se. E o interrogador não pode nunca esquecer que objetivando o interrogado, ele se objetiva a si mesmo como provam as correções que ele introduz em tantas de suas perguntas, passando do *você* objetivo ao *se* que leva a um coletivo impessoal, depois ao *nós*, onde ele afirma claramente que a objetivação também lhe diz respeito: “Quer dizer que todos os estudos que *você* fez, que *se* fizeram, *nos* fizeram gostar mais da teoria.” E a proximidade social com a pessoa interrogada é sem dúvida o que explica a impressão de mal-estar que quase todos os interrogadores que estão colocados numa tal relação disseram ter experimentado, às vezes durante toda a entrevista, às vezes a partir de um momento preciso da análise: em todos estes casos efetivamente, o interrogatório tende naturalmente a tornar-se uma socianálise a dois na qual o analista está preso, e é posto à prova, tanto quanto aquele que ele interroga.

Mas a analogia com a estratégia empregada por Labov não é perfeita: não se trata somente de captar um “discurso natural” tão pouco influenciado quanto possível pelo efeito da dissimetria cultural; deve-se também construir cientificamente esse discurso de tal maneira que ele forneça os elementos necessários à sua própria explicação. As exigências impostas aos pesquisadores ocasionais encontram-se consideravelmente acrescidas e embora se tivesse feito com cada um deles entrevistas prévias destinadas a recolher toda informação que eles dispunham sobre o pesquisado e definir com eles as grandes linhas de uma estratégia de interrogação, um bom número de pesquisas realizadas nestas condições foram excluídas da publicação: elas quase que só apresentavam dados sociolinguísticos incapazes de fornecer os instrumentos de sua própria interpretação.<sup>4</sup>

4. Uma das maiores razões desses revezes reside sem dúvida no acordo perfeito entre o interrogador e o interrogado que deixa mover em total liberdade a tendência dos entrevistados de dizer tudo (como a maioria dos testemunhos e dos documentos históricos), menos o que é óbvio, o que é natural (por exemplo a atriz, sem dúvida quando ela se dirige a um ator passa em silêncio todo um conjunto de pressupostos concernentes às hierarquias entre os gêneros teatrais, os diretores, e também as oposições constitutivas do campo do teatro num certo momento). Toda interrogação se encontra então situada entre dois limites sem dúvida nunca atingidos: a total coincidência entre o pesquisador e o pesquisado, onde nada poderia ser dito porque, nada sendo questionado, tudo seria natural; a divergência total onde a compreensão e a confiança se tornariam impossíveis.

Àqueles casos em que o sociólogo consegue se dar de algum modo um substituto juntam-se as relações de pesquisa nas quais ele pode superar parcialmente a distância social graças às relações de familiaridade que o unem ao pesquisado e à franqueza social, favorável ao falar francamente, que assegura a existência de diversos laços de solidariedade secundária próprios a dar garantias indiscutíveis de compreensão simpática: as relações de família ou as amizades de infância ou, segundo certas pesquisadoras, a cumplicidade entre mulheres, permitem, em mais de um caso, superar os obstáculos ligados às diferenças entre as condições e, particularmente, o temor do desprezo de classe que, quando o sociólogo é percebido como socialmente superior, vem freqüentemente redobrar o receio muito geral, senão universal, da objetivação.

### Um exercício espiritual

Mas todos os procedimentos e todos os subterfúgios, que podemos imaginar para reduzir a distância, têm seus limites. Ainda que a transcrição deixe escapar o ritmo, o tempo do oral, basta ler em seguida algumas entrevistas para ver tudo o que separa as falas arrancadas pedaço por pedaço dos pesquisados mais afastados das exigências táticas da situação de pesquisa e os discursos daquelas que são ajustados por antecipação (às vezes muito bem) à pergunta, assim, pelo menos, como eles a concebem. Eles dominam tão perfeitamente a situação que conseguem às vezes impor sua definição do jogo ao pesquisador.

Quando nada vem neutralizar ou suspender os efeitos sociais da dissimetria ligada à distância social, não se pode esperar conseguir obter declarações tão pouco marcadas quanto possível pelos efeitos da situação de pesquisa senão ao preço de um trabalho incessante de construção. Paradoxalmente, este trabalho está destinado a ficar tanto mais invisível quanto mais bem sucedido ele for e quanto mais ele conduzir a uma troca de todas as aparências do “natural” (entendido como o que acontece comumente nas trocas comuns da existência cotidiana).

O sociólogo pode obter do pesquisado mais distanciado de si socialmente que ele se sinta legitimado a ser o que ele é se ele sabe se manifestar, pelo tom e especialmente pelo conteúdo de suas perguntas as quais, sem fingir anular a distância social que o separa de si (diferente da visão populista que tem como ponto cego seu próprio ponto de vista), ele é capaz de *se colocar em seu lugar em pensamento*.

Tentar situar-se em pensamento no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social para o *necessitar* a partir desse ponto e para *decidir-se* de alguma maneira por *ele* (no sentido em que Francis Ponge falava de *optar pelas coisas*), não é executar a “projeção de si em outrem” do qual falam os fenomenólogos. É dar-se

uma *compreensão genérica e genética* do que ele é, fundada no domínio (teórico ou prático) das condições sociais das quais ele é o produto: domínio das condições de existência e dos mecanismos sociais cujos efeitos são exercidos sobre o conjunto da categoria da qual eles fazem parte (as dos estudantes, dos operários, dos magistrados, etc.) e domínio dos condicionamentos inseparavelmente psíquicos e sociais associados à sua posição e à sua trajetória particulares no espaço social. Contra a velha distinção diltheyana, é preciso ser dito que *compreender e explicar são a mesma coisa*.

Esta compreensão não se reduz a um estado de alma benevolente. Ela é exercida de maneira ao mesmo tempo inteligível, tranqüilizadora e atraente de apresentar a entrevista e de conduzi-la, de fazer de tal modo que a interrogação e a própria situação tenham sentido para o pesquisado e também, e sobretudo, na problemática proposta: esta, como as respostas prováveis que ela provoca, será deduzida de uma representação verificada das condições nas quais o pesquisado está colocado e daquelas das quais ele é o produto. Pode-se então dizer que o pesquisador não tem qualquer possibilidade de estar verdadeiramente à altura de seu objeto a não ser que ele possua a respeito um imenso saber, adquirido talvez ao longo de uma vida de pesquisa e também, mais diretamente, durante entrevistas anteriores com o próprio pesquisado ou com informantes. A maior parte das pesquisas publicadas representam, sem dúvida, um momento privilegiado em uma longa série de trocas, e não têm nada em comum com os encontros pontuais, arbitrários e ocasionais, das pesquisas realizadas às pressas por pesquisadores desprovidos de toda competência específica.

Mesmo que ela só se manifesta de maneira totalmente negativa, inspirando sobretudo as precauções e as atenções que determinam o pesquisado a ter confiança e a entrar no jogo, ou excluindo as perguntas forçadas ou mal colocadas, é esta informação prévia que permite improvisar continuamente as perguntas pertinentes, verdadeiras *hipóteses* que se apóiam numa representação intuitiva e provisória da fórmula geradora própria ao pesquisado para provocá-lo a se revelar mais completamente.<sup>5</sup>

5. Sobre este ponto, como sobre todos os outros, sem dúvida seríamos melhor compreendidos se pudéssemos dar exemplos dos erros mais típicos, que encontram quase sempre seus fundamentos na inconsciência e na ignorância. Algumas virtudes de uma interrogação atenta a seus próprios resultados estão destinadas a passar despercebidas pois se manifestam principalmente em ausências. Daí o interesse dos interrogatórios burocráticos que serão analisados mais adiante: verdadeiros exames em arte de viver nos quais o investigador, encerrado em seus pressupostos institucionais e suas certezas éticas, mede a capacidade dos investigados em adotar a conduta "conveniente", fazem aparecer, em contraste, todas as perguntas que o respeito fundado no conhecimento prévio leva a excluir que elas são incompatíveis com uma representação adequada da situação da pessoa interrogada ou da filosofia de ação que estabelece na prática.

Ainda que ela possa proporcionar o equivalente teórico do conhecimento prático associado à proximidade e à familiaridade, o conhecimento prévio mais aprofundado continuaria incapaz de conduzir a uma verdadeira compreensão, se a ela não correspondesse uma atenção ao outro e uma abertura oblativa que raramente se encontram na existência comum. Tudo nos conduz efetivamente a não dar declarações mais ou menos ritualizadas sobre misérias mais ou menos comuns se não uma atenção quase tão vazia e formal que "como vai você?" ritual que as iniciou. Nós todos já ouvimos falar dessas narrativas de conflitos de sucessão ou de vizinhança, de dificuldades escolares ou de rivalidades de escritório que apreendemos através das categorias de percepção que, reduzindo o pessoal ao impessoal, o drama singular ao noticiário de variedades, permitem uma espécie de economia de pensamento, de interesse, de afeto, em resumo, de compreensão. E então, mesmo que se mobilizem todos os recursos da vigilância profissional e da simpatia pessoal, temos dificuldades em afastar essa indiferença da atenção favorecida pela ilusão do já visto e do já ouvido para entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas de uma existência. A semicompreensão imediata do olhar distraído e banalizante desencoraja o esforço que deve ser realizado para superar os lugares-comuns nos quais cada um de nós vive e diz de suas pequenas misérias como sendo seus grandes males. Aquilo que o "a gente" filosoficamente estigmatizado e literariamente desconsiderado, que nós todos somos tentados a dizer, com seus meios, desesperadamente "inautênticos", é sem dúvida, para os "eu" que nós acreditamos ser, pela mais comum das reivindicações de singularidade, o que há de mais difícil para escutar.

### A resistência à objetivação

*Não se deveria acreditar que só pela virtude da reflexividade o sociólogo possa controlar completamente os efeitos, sempre extremamente complexos e múltiplos, da relação de pesquisa, posto que os pesquisados podem também intervir, consciente ou inconscientemente, para tentar impor sua definição da situação e fazer voltar em seu proveito uma troca da qual um dos riscos é a imagem que eles têm e querem dar e se dar deles mesmos. Isso numa situação onde, lembrando, como o objeto da pesquisa os incita a isto, "o que não anda bem" em suas vidas, eles se expõem a todas as presunções negativas que*

*pesam sobre os males e a adversidade por tanto tempo que eles não sabem deslizar pelas formas legítimas de expressão das misérias legítimas, aquelas que a política, o direito, a psicologia, a literatura fornecem. Assim, por exemplo, em muitas entrevistas (principalmente com os membros do Front National), a relação social entre o pesquisado e o pesquisador produz um efeito de censura muito forte, redobrado pela presença do gravador: é sem dúvida ela que toma certas opiniões inconfessáveis (salvo por breves fugas ou por lapsos). Certas entrevistas trazem numerosos traços do trabalho que faz o pesquisado para dominar os*

constrangimentos inerentes na situação ao mostrar que ele é capaz de assumir sua própria objetivação e de tomar ele mesmo o ponto de vista reflexivo cujo projeto está inscrito na própria intenção da pesquisa.

Uma das maneiras mais sutis de resistir à objetivação é, portanto, a dos pesquisados que, jogando com a sua proximidade social com o pesquisador, tentam, mais inconsciente do que conscientemente, se proteger prestando-se aparentemente ao jogo e tentando impor, sem o saber sempre, uma aparência de auto-análise. Nada mais distante, apesar das aparências, da objetivação participante, na qual o pesquisador auxilia o pesquisado num esforço doloroso e gratificante, ao mesmo tempo, para tornar visíveis as determinações sociais de suas opiniões e de suas práticas no que elas podem ter de mais difícil a reconhecer e a assumir, do que a falsa objetivação complacente, semidesmistificada e por isso duplamente mistificadora, que procura todos os prazeres da lucidez sem questionar o essencial.

Citarei um só exemplo: "Há uma espécie de mal-estar que faz com que eu não saiba onde me situar (...), eu não sei mais muito bem onde estou socialmente... É talvez a nível do reconhecimento do outro (...). Eu me conscientizo quanto, em função da posição social que você ocupa, o outro tem um olhar sobre você completamente diferente e é verdade que é muito perturbador. Não era evidente para mim ter vários status sociais, eu não conseguia me identificar algumas vezes, sobretudo através do olhar dos outros", etc., etc.

Acontece que de tais afirmações, que aplicam a uma confissão aparente a aparência de uma explicação, suscitam no pesquisador que se reco-

nhece nisso por que eles são construídos segundo instrumentos de pensamento e de formas de expressão próximas dos seus, uma forma de narcisismo intelectual que pode combinar-se com admiração populista ou dissimular-se nele.

Deste modo, quando uma filha de imigrante lembra, com muito desembaraço, as dificuldades de sua vida dilacerada diante de um pesquisador que pode encontrar em algumas declarações suas certos aspectos de sua experiência do desequilíbrio, ela consegue, paradoxalmente, fazer esquecer o princípio da visão altamente estilizada de sua existência que ela propõe, quer dizer, o estudo de letras que ela faz e que lhe permite oferecer a seu interlocutor uma dupla gratificação, a de um discurso tão próxima quanto possível da idéia que ele tem de uma categoria desfavorecida e a de um cumprimento formal que abole todo obstáculo ligado à diferença social e cultural. Seria preciso citar tudo aqui, as perguntas e as respostas:

Pesquisador – Tomada de consciência teve lugar quando você chegou à França. Mas tomada de consciência de que exatamente?

Pesquisado – A tomada de consciência do real no sentido que para mim, é aí que as coisas vão começar a se delinear. Eu vivo realmente a separação de meus pais. Ela toma sentido, para mim, realmente, a partir do momento no qual eu passo do período que eu vivi com meus pais, enfim, com minha mãe e sua família (no Marrocos, onde minha mãe ficou depois da separação), aqui, onde eu finalmente descobro meu pai. É a primeira vez que nós vivemos realmente juntos. Mesmo quando ele estava casado com minha mãe, sua vida social era aqui (na França), por isso eles se viam pouco, a gente se via pouco. Eu

tinha a impressão que era alguém que eu descobria realmente pela primeira vez (...). Ele entrou em minha vida a partir do momento em que fomos viver juntos. Portanto, tomada de consciência desse lado, a separação faz sentido. Percebe-se que o pai que se tem, nunca se viveu com ele (...). E depois também, tomada de consciência de uma outra paisagem. Não é mais o mesmo espaço-tempo (...). Você sabe que você passa de seu pai para sua mãe. Isso o excita também um pouco, de uma certa maneira mas a realidade, ela vem pouco a pouco colorir e tornar visível, de fato, o que aconteceu. Portanto, isso não é a mesma paisagem, não são as mesmas pessoas, nem o mesmo espaço-tempo. Eu volto a um período bastante vago a partir desse momento onde, se você quer, será preciso, de hoje em diante, que se faça a ponte entre dois mundos, que estão, para mim, radicalmente separados. Eu fiquei um pouco nessa etapa, nessa separação, que ultrapassa de longe a separação pai-mãe. E um pouco mais longe: "Eu tenho de fato a impressão de estar ancorada em alguma coisa. E que a pergunta que surge agora é se eu vou continuar nesse dilema ou se eu vou sair definitivamente? Francamente, não acredito muito. Certamente sempre ficarei no meio do caminho. É verdade que isso de ser assim ou assado não me interessa. Há vontade de manter essa espécie de corrente de ar, um meio-termo. Sei lá."

A entrevista, como se vê, torna-se um monólogo no qual a própria entrevistada faz as perguntas, e responde profusamente de um só fôlego, impondo ao pesquisador (que, evidentemente, não pergunta melhor) não somente sua problemática mas seu estilo ("você se sente desnaturada aqui?" ou "qual é sua maior insatisfação?") e excluindo de fato toda

interrogação sobre os dados objetivos de sua trajetória diferentes dos que entram no projeto de auto-retrato tal como ela pretende fazer.

Nesta relação de troca, cada um engana um pouco o outro ao se enganar a si próprio: o pesquisador se prende à "autenticidade" do testemunho da pesquisada porque ele acredita ter tido êxito na descoberta de uma palavra bruta, densa, inviolada, que outros não souberam ver ou suscitar (certas formas, mais ou menos estilizadas, do discurso camponês ou operário podem exercer uma sedução parecida); a pesquisada finge ser o personagem que é esperado nesse encontro, a Imigrante, assegurando deste modo, sem ter que reivindicar abertamente, o reconhecimento do valor literário de sua palavra, ao mesmo tempo testemunha sincera de divisão interior e procura de salvação pela forma estilística.\*

\* Se esta lógica do jogo duplo na confirmação mútua das identidades encontra um campo particularmente favorável no face a face da relação de pesquisa, ela não está em ação somente nas entrevistas "fracassadas" (muito numerosas) que nós tivemos de eliminar e eu poderia citar obras que acho que ilustram isso perfeitamente, como o romance recente de Nina Bouraoui (*La voyageuse interdite*, Paris, Gallimard, 1990), e, mais geralmente, certas formas novas de literatura populista que, sob a aparência de as reunir, evitam as exigências do testemunho autenticamente sociológico e as do romance autenticamente literário, porque elas têm como ponto cego seu próprio ponto de vista. Mas o exemplo por excelência me parece ser o romance de David Lodge, *Small World* (New York, Warner Books, 1984, trad. francesa: *Un tout petit monde*, Paris, Rivages, 1991), desmistificação mistificadora que apresenta todos os lugares-comuns da representação complacente, falsamente lúcida e verdadeiramente narcísica, que os universitários gostam de (se) dar deles mesmos, e de seus universos, e que conheceu logicamente um imenso sucesso nos meios universitários e, mais amplamente, em todos os meios com nível de estudos universitários.

Deste modo sob risco de chocar tanto os metodólogos rigoristas quanto os hermeneutas inspirados, eu diria naturalmente que a entrevista pode ser considerada como uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter, pelo *esquecimento de si*, uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida.<sup>6</sup> A disposição acolhedora que inclina a fazer seus os problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é, na sua necessidade singular é uma espécie de *amor intelectual*: um olhar que consente com a necessidade, à maneira do “amor intelectual de Deus”, isto é, da ordem natural, que Spinoza tinha como a forma suprema do conhecimento.

O essencial das “condições de felicidade” da entrevista fica, sem dúvida, percebido. Oferecendo-lhe uma situação de comunicação completamente excepcional, livre dos constrangimentos, principalmente temporais, que pesam sobre a maior parte das trocas cotidianas e abrindo-lhe alternativas que o incitam ou o autorizam a exprimir mal-estares, faltas ou necessidades que ele descobre exprimindo-os, o pesquisador contribui para criar as condições de aparecimento de um discurso extraordinário, que poderia nunca ter tido e que, todavia, já estava lá, esperando suas condições de atualização.<sup>7</sup> Embora eles sem dúvida não percebam conscientemente todos os sinais desta disponibilidade (que requer sem dúvida um pouco mais que uma simples conversão intelectual), certos pesquisados, sobretudo entre os mais carentes, parecem aproveitar essa situação como uma ocasião excepcional que lhes é oferecida para testemunhar, se fazer ouvir, leyar sua experiência da esfera privada para a esfera pública; uma ocasião também de *se explicar*, no sentido mais completo do termo, isto é, de construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo, e manifestar o ponto, no interior desse mundo, a partir do qual eles vêm a si mesmos e o mundo, e se tornam compreensíveis, justificados, e para eles mesmos em primeiro lugar.<sup>8</sup> Acontece até que, longe de serem simples instrumentos nas mãos do pesquisador, eles conduzem de alguma maneira a entrevista e a densidade e a intensidade de seu discurso, como a impressão que eles dão freqüentemente de sentir uma espécie de alívio, até de realização, tudo neles lembra a *felicidade de expressão*.

Pode-se sem dúvida falar então de *auto-análise provocada e acompanhada*: em mais de um caso nós sentimos que a pessoa interrogada aproveitava a ocasião

que lhe tinha sido dada de ser interrogada sobre ela mesma e da licitação ou da solitação que lhe asseguravam nossas perguntas ou nossas sugestões (sempre abertas e múltiplas e freqüentemente reduzidas a uma atenção silenciosa) para realizar um trabalho de explicitação, gratificante e doloroso ao mesmo tempo, e para enunciar, às vezes com uma extraordinária *intensidade expressiva*, experiências e reflexões há muito reservadas ou reprimidas.

### Uma construção realista

Mesmo se acontecer que ele seja vivido como tal, o acordo que é assim realizado entre as antecipações e as amabilidades do pesquisador e as expectativas do pesquisado, não tem nada de miraculoso. A verdadeira submissão ao dado supõe um ato de construção baseado no domínio prático da lógica social segundo a qual esse dado é construído. Assim, por exemplo, só se pode compreender verdadeiramente tudo que é dito na conversa, na aparência totalmente banal, entre três estudantes se, evitando reduzir as três adolescentes aos nomes que as designam, como em tantas sociologias ao gravador, soubermos ler, em suas palavras, a estrutura das relações objetivas, presentes e passadas, entre sua trajetória e a estrutura dos estabelecimentos escolares que elas freqüentaram e, por isso, toda a estrutura e a história do sistema de ensino que nelas se exprime. Contrariamente ao que poderia fazer crer uma visão ingenuamente personalista da singularidade das pessoas sociais, é a revelação das estruturas imanentes às conversas conjunturais tidas numa interação pontual que, sozinha, permite resgatar o essencial do que faz a *idiosincrasia* de cada uma das jovens e toda complexidade singular de suas ações e de suas reações.

A análise da conversação, assim entendida,<sup>9</sup> lê nos discursos não somente a estrutura conjuntural da interação como mercado, mas também as estruturas invisíveis que o organizam, isto é, neste caso particular, a estrutura do espaço social no qual as três jovens estão situadas desde o início e a estrutura do espaço escolar no interior do qual elas percorreram trajetórias diferentes que, apesar de pertencerem ao passado, continuam a orientar a sua visão do seu passado e do seu futuro escolares, e também delas mesmas, no que elas têm de mais singular.<sup>10</sup>

6. Poder-se-ia citar aqui Epicteto ou Marco Aurélio lembrando a disposição que leva a acolher com benevolência tudo o que depende da causa universal, *assentimento (prosthesis)* alegre relativamente ao mundo natural.

7. O trabalho “socrático” de ajuda à explicitação visa a propor sem impor, a formular sugestões, às vezes explicitamente apresentadas como tais (será que você não quer dizer que...) e destinadas a oferecer prolongamentos múltiplos e abertos às palavras do pesquisado, a suas hesitações ou a sua procura de expressão.

8. Eu observei assim numerosas vezes que o pesquisado repetia com uma satisfação visível a palavra ou a frase que o haviam esclarecido sobre ele mesmo, isto é, sobre sua posição (como a palavra *fundível*, que eu tinha usado para designar a posição crítica de um pesquisado na hierarquia de sua instituição e que, por suas conotações, lembrava bem as tensões extremas por que ele passara).

9. Isto é, num sentido muito diferente daquele que se dá quando se toma por objeto a maneira de administrar a conversação, por exemplo as estratégias de abertura e de fechamento, *fazendo abstração* das características sociais e culturais dos participantes.

10. Eu poderia citar também a entrevista com um jovem estudante, filho de imigrante, que é uma exemplificação, no sentido de Goodman, da análise das transformações do sistema de ensino que conduziu à multiplicação dos “*excluídos do interior*”, sendo o pesquisado em questão uma “amostra” perfeita, sempre nos termos de Goodman, dessa nova categoria de estudantes.

Deste modo, contra a ilusão que consiste em procurar a neutralidade na anulação do observador, deve-se admitir que, paradoxalmente, só é “espontâneo” o que é construído, mas por uma *construção realista*. Para o fazer ouvir ou, ao menos, fazê-lo sentir, lembrarei um caso onde se verá que é somente quando se apóia num conhecimento prévio das realidades que a pesquisa pode fazer surgir as realidades que ela deseja registrar. Na pesquisa que realizamos sobre o problema da moradia para fugir à irrealidade abstrata das perguntas sobre a preferência, em matéria de compra ou locação principalmente, eu tinha imaginado pedir aos pesquisadores para lembrarem suas sucessivas residências, as condições em que a elas tinham tido acesso, as razões e as causas que os tinham determinado a escolhê-las ou a deixá-las, as modificações que nelas fizeram, etc. As entrevistas assim concebidas desenvolveram-se de maneira, em nossa opinião, extremamente “natural”, suscitando testemunhos de uma sinceridade inesperada. Ora, muito tempo depois ouvi, inteiramente por acaso, no metrô, uma entrevista entre duas mulheres de uns quarenta anos de idade: uma delas, que foi morar recentemente num apartamento novo, contava a história de suas sucessivas moradias. E sua interlocutora se comportava exatamente como se ela seguisse a regra que havíamos estabelecido para conduzir nossas entrevistas. Eis a transcrição que fiz de memória logo depois: — “é a primeira vez que moro numa casa nova. É muito bom... — A primeira casa que tive em Paris, foi na rua Brancion, era um apartamento antigo, que não tinha sido reformado desde a guerra de 14. Tudo precisava de reformas, tudo estava torto. Tampouco conseguimos recuperar o teto de tão sujo que estava. — Com certeza, é muito trabalho... Antes, com meus pais, nós morávamos numa habitação sem água. Era formidável, com duas crianças, ter um banheiro. — Na casa de meus pais, era a mesma coisa. Mas nem por isso nós éramos sujos. Mas é verdade, é tão mais fácil... — Depois moramos em Creteil. Era um imóvel moderno, mas que já tinha uma dezena de anos...”. E a narrativa continuou assim, muito naturalmente entrecortada de intervenções destinadas seja, muito simplesmente, para “acusar recebimento”, pela simples repetição, no modo afirmativo ou interrogativo, da última frase pronunciada, seja para manifestar interesse ou afirmar a identidade dos pontos de vista (“É duro quando se trabalha o dia inteiro em pé...” ou “Na casa de meus pais era a mesma coisa”); essa participação pela qual se participa da entrevista, levando assim seu interlocutor a dela participar, sendo isso que distingue do modo mais claro a conversa comum, ou a entrevista tal como nós a temos praticando, da entrevista na qual o pesquisador, preocupado com a neutralidade, se proíbe todo envolvimento pessoal.

Tudo opõe esta forma de maiêutica à imposição da problemática que, na ilusão da “neutralidade”, fazem muitas sondagens cujas perguntas forçadas e artificiais produzem coisas fictícias que elas acreditam registrar — sem falar dessas pesquisas de televisão que extorquem dos entrevistados declarações diretamente

provenientes dos comentários que a televisão faz a respeito.<sup>11</sup> Primeira diferença, a consciência do perigo, baseada no conhecimento da labilidade do que chamamos as opiniões: as disposições profundas estão disponíveis para inúmeras formas de expressão e elas podem ser conhecidas em formulações pré-constituídas (as respostas pré-formadas do questionário fechado ou as declarações preparadas da política) relativamente diferentes. Isto significa que nada é mais fácil de fazer e, num sentido mais “natural”, que a imposição de problemática: como prova, os *desvios de opinião* que realizam tão freqüentemente, com toda a inocência da inconsciência, as sondagens de opinião (deste modo predispostas a servir de instrumento para uma demagogia racional) e também, mais geralmente, os demagogos de qualquer obediência, sempre apressados em ratificar as expectativas aparentes de indivíduos que nem sempre têm os meios de identificar suas verdadeiras insuficiências.<sup>12</sup> O efeito da imposição que se exerce sob a capa de “neutralidade” é tanto mais pernicioso porque a publicação das opiniões assim impostas contribui para as impor e assegurar-lhes uma existência social, dando aos pesquisadores a aparência de uma validação própria a reforçar sua credibilidade e seu crédito.

Vê-se o reforço que a representação empirista da ciência pode encontrar no fato de que o conhecimento rigoroso supõe quase sempre uma ruptura mais ou menos flagrante, e sempre exposta a aparecer como efeito de uma petição de princípio ou de opinião preconcebida, com a evidência do senso comum, comumente identificado como bom senso. Basta de fato deixar acontecer, abster-se de toda intervenção, de toda construção, para cair no erro: deixa-se então o campo livre às preconstituições ou ao efeito automático dos mecanismos sociais que estão atuantes até nas operações científicas mais elementares (concepção e formulação das perguntas, definição das categorias de codificação, etc.). É somente ao preço de uma denúncia ativa dos pressupostos tácitos do senso comum que se podem opor os efeitos de todas as representações da realidade social aos quais pesquisados e pesquisadores são continuamente expostos. Penso em particular naqueles produzidos pela imprensa, escrita e sobretudo televisada, e que se impõem às vezes aos mais despojados como enunciados prontos daquilo que eles acreditam ser a experiência.

Os agentes sociais não têm a ciência infusa do que eles são e do que eles fazem; mais precisamente, eles não têm necessariamente acesso ao princípio de seu descontentamento ou de seu mal-estar e as declarações mais espontâneas po-

11. Acho necessário lembrar aqui análises que desenvolvi em outro lugar de maneira mais sistemática (cf. principalmente, “L’opinion publique n’existe pas”, *Questions de sociologie*, Paris, Minuit, 1984, p. 222-250).

12. Estas reflexões destinam-se particularmente aos que ensinam que a crítica das pesquisas é a crítica da democracia.

dem, sem nenhuma intenção de dissimulação exprimir uma coisa bem diferente do que eles dizem na aparência. A sociologia (é isto que a distingue da ciência sem erudito que são as pesquisas de opinião) sabe que ela deve ter os meios de questionar primeiro em seu próprio questionamento, todas as preconstituições, todos os pressupostos que existem tanto no pesquisador como no pesquisado e que fazem com que a relação de pesquisa freqüentemente só se instaure na base de um acordo dos inconscientes.<sup>13</sup>

Ela sabe também que as opiniões as mais espontâneas, logo, aparentemente as mais autênticas, que satisfazem o pesquisador apressado dos institutos de pesquisa e os que as encomendaram podem obedecer a uma lógica muito próxima de que a psicanálise revelou. É o caso, por exemplo, desta espécie de hostilidade *a priori* relativamente aos estrangeiros que encontramos às vezes junto aos agricultores ou aos pequenos comerciantes desprovidos de qualquer experiência direta com os imigrantes: só se pode ultrapassar as aparências da opacidade e do absurdo que ela opõe à interpretação compreensiva se conseguir ver que, por uma forma de *deslocamento*, ela oferece uma solução às contradições próprias a essa espécie de capitalistas com renda de proletários e com sua experiência do Estado, tido como responsável por uma redistribuição inaceitável. Os fundamentos reais do descontentamento e da insatisfação que assim se exprimem, sob formas desviadas, só podem chegar à consciência, quer dizer, ao discurso explícito, ao preço de um trabalho que vise revelar as coisas enterradas nas pessoas que as vivem e que ao mesmo tempo não as conhecem e, num outro sentido, conhecem-nas melhor do que ninguém.

O sociólogo pode ajudá-las nesse trabalho, à maneira de um parteiro, sob a condição de possuir um conhecimento aprofundado das condições de existência de que são o produto e dos efeitos sociais que a relação de pesquisa e, através desta, suas posições e suas disposições primárias podem exercer. Mas o desejo de descobrir a verdade, que é constitutivo da intenção científica, fica totalmente desprovido de eficácia prática se ele não é atualizado sob a forma de uma “profissão”, produto incorporado de todas as pesquisas anteriores que não tem nada de um saber abstrato e puramente intelectual: essa profissão é uma verdadeira “disposi-

13. Mostrei, pela análise detalhada das respostas a uma pesquisa sobre os políticos (Giscard, Chirac, Marchais, etc.) concebida sobre o modelo do jogo chinês (se era uma árvore, um animal, etc.) que os pesquisados colocavam em prática, sem o saber, em suas respostas, esquemas classificatórios (forte/fraco, rígido/flexível, nobre/ignóbil, etc.) que os autores do questionário tinham também colocado em prática, *sem o saber muito*, em suas perguntas: a inaniidade dos comentários que os autores do questionário haviam trazido aos quadros estatísticos publicados estavam presentes para testemunhar sua perfeita incompreensão dos dados que eles mesmos tinham produzido e, *a fortiori*, a própria operação pela qual os tinham produzido (cf. P. Bourdieu, *La Distinction*, Paris, Minuit, 1979, p. 625-640).

ção a perseguir a verdade” (*hexis tou alêtheuein*, como diz Aristóteles na *Metafísica*), que leva a improvisar na hora, na urgência da situação de entrevista, as estratégias de apresentação de si e as respostas adaptadas, as aprovações e as perguntas oportunas, etc., de maneira a ajudar o pesquisado a dar a sua verdade ou, melhor, a se livrar da sua verdade.<sup>14</sup>

### Os riscos da escrita

A mesma disposição está em ação no trabalho de construção ao qual submete-se a entrevista gravada – o que permitirá andar mais depressa na análise dos procedimentos de transcrição e de análise. Pois é claro que a transcrição muito literal (a simples pontuação, o lugar de uma vírgula, por exemplo, podem comandar todo o sentido de uma frase) já é uma verdadeira *tradução* ou até uma interpretação. Com mais razão ainda, a que é aqui proposta: rompendo com a ilusão espontaneísta do discurso que “fala de si mesmo”, a transcrição joga deliberadamente com a *pragmática da escrita* (principalmente pela introdução de títulos e de subtítulos feitos de frase tomadas da entrevista) para orientar a atenção do leitor para os traços sociologicamente pertinentes que a percepção desarmada ou distraída deixaria escapar.

O processo verbal do discurso recolhido que o autor da transcrição produz está submetido a dois conjuntos de obrigações freqüentemente difíceis de conciliar: as obrigações de fidelidade a tudo que manifesta durante a entrevista, e que não se reduz ao que é realmente registrado na fita magnética, levariam a tentar restituir ao discurso tudo que lhes foi tirado pela transcrição para o escrito e pelos recursos ordinários da pontuação, muito fracos e muito pobres, e que fazem, muito amiúde, todo o seu sentido e o seu interesse; mas as leis de legibilidade que se definem em relação com destinatários potenciais com expectativas e competências muito diversas impedem a publicação de uma transcrição fonética acompanhada das notas necessárias para restituir tudo que foi perdido na passagem do oral para o escrito, isto é, a voz, a pronúncia (principalmente em suas variações socialmente significativas), a entonação, o ritmo (cada entrevista tem seu tempo

14. Não é o lugar de analisar aqui todos os paradoxos do modo de ser científico que supõe, por um lado, um trabalho que visa tornar conscientes as disposições primárias socialmente constituídas em vista de neutralizá-las e de as desenraizar (ou, melhor, de as “desincorporar”), e, por outro lado, um trabalho – e um *treinamento* – visando incorporar, portanto a tornar quase “inconscientes” os princípios conscientemente definidos dos diferentes métodos desse modo tornados *praticamente disponíveis* (A oposição entre os “conhecimentos” conscientes e os “conhecimentos” inconscientes à qual recorremos aqui devido às necessidades da transmissão é de fato absolutamente artificial e falaciosa: de fato os princípios da prática científica podem ao mesmo tempo estar presentes à consciência – em graus diferentes segundo os momentos e segundo os “níveis” de prática – e funcionar no estado prático, sob a forma de disposições incorporadas).

particular que não é o da leitura), a linguagem dos gestos, da mímica e de toda a postura corporal, etc.<sup>15</sup>

Assim, transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever<sup>16</sup>: como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade. As antinomias bem conhecidas da literatura popular lembram que dar realmente a palavra àqueles que habitualmente não a têm, é apenas lhes dar a palavra tal qual. Existem as demoras, as repetições, as frases interrompidas e prolongadas por gestos, olhares, suspiros ou exclamações, há as digressões laboriosas, as ambigüidades que a transcrição desfaz inevitavelmente, as referências a situações concretas, acontecimentos ligados à história singular de uma cidade, de uma fábrica ou de uma família, etc. (e que o locutor lembra com tanto mais disposição quanto seu interlocutor lhe é familiar, isto é, mais familiar para todo seu meio familiar).

É, portanto, em nome do respeito devido ao autor que, paradoxalmente, foi preciso às vezes decidir por aliviar o texto de certos desdobramentos parasitas, de certas frases confusas, de redundâncias verbais ou de tiques de linguagem (os “bom” e os “né”) que, mesmo sem eles dão seu colorido particular ao discurso oral e preenchem uma função eminente na comunicação, permitindo sustentar uma conversa esbaforida ou tomar o interlocutor como testemunha, baralhando e confundindo a transcrição ao ponto, em certos casos, de torná-la completamente ilegível para quem não ouviu o discurso original. Do mesmo modo, tomamos a liberdade de tirar da transcrição todas as declarações puramente informativas (sobre a origem social, os estudos, a profissão, etc.) todas as vezes que pudessem ser relatados, no estilo indireto, no texto introdutivo. Mas nunca se substituiu uma palavra por outra, nem se transformou a ordem das perguntas, ou o desenrolar da entrevista e todos os cortes foram assinalados.

15. Sabe-se por exemplo que a ironia, que nasce freqüentemente de uma discordância intencional entre a simbólica corporal e a simbólica verbal, ou entre diferentes níveis de enunciação verbal, fica quase inevitavelmente perdida na transcrição. E o mesmo acontece com as ambigüidades, os duplos sentidos, as incertezas e indecisões, tão características da linguagem oral, que a escrita desvenda quase inevitavelmente, através sobretudo da pontuação. Mas há também toda a informação que está inscrita nos nomes próprios, que falam de imediato para os familiares do universo (e que foi preciso quase sempre fazer desaparecer para salvaguardar o anonimato dos pesquisados), nomes de pessoas, nomes de lugares, nomes de instituições, aos quais estão ligadas divisões estruturantes: é o caso da oposição entre o teatro refinado e o teatro popular que dá seu sentido à confusão, feita pela atriz, entre o nome de uma comediante popular e uma grande artista da tragédia clássica, verdadeiro lapso significativo pelo qual ela trai, para quem pode ouvi-la, toda a verdade de um fracasso ligado a uma má orientação inicial entre os dois caminhos.

16. Cf. P. Encrevé, “Sa voix harmonieuse e voilée”, *Hors Cadre*, 3, 1985, p. 42-51 (Uma transcrição integral (não fonética) de todas as entrevistas (em número de 182) foi feita, e arquivada, assim como as correspondentes gravações).

Graças à explicação, à concretização e à simbolização que elas realizam e que lhes conferem às vezes uma intensidade dramática e uma força emocional próxima da do texto literário, as entrevistas transcritas estão à altura de exercer um efeito de *revelação*, particularmente sobre os que compartilham tal ou qual de suas propriedades genéricas com o locutor. A modo das parábolas do discurso profético, permitem um equivalente mais acessível de análises conceituais complexas e abstratas: tornam sensíveis, inclusive através dos traços aparentemente mais singulares da enunciação (entonação, pronúncia, etc.), as estruturas objetivas que o trabalho científico se esforça para desprender.<sup>17</sup> Capazes de tocar e de comover, de falar à sensibilidade, sem sacrificar ao gosto do sensacional, podem levar junto as conversões do pensamento e do olhar, que são freqüentemente a condição prévia da compreensão.

Mas a força emocional pode ter por contraparte a ambigüidade, até a confusão dos efeitos simbólicos. Podem-se relatar declarações racistas de tal maneira que aquele que as faz se torna compreensível sem por isso legitimar o racismo? Como dar razão de suas declarações sem se render às suas razões, sem lhe dar razão? Como, mais banalmente evocar, sem excitar o racismo de classe, o corte de cabelo de uma pequena empregada e comunicar, sem ratificá-la, a impressão que produz inevitavelmente ao olho acostumado aos cânones da estética legítima – impressão que faz parte de sua verdade mais inevitavelmente objetiva?

Vê-se que a intervenção do analista é tão difícil quanto necessária. Tomando a responsabilidade de *publicar* discursos que, enquanto tais, situam-se, como observa Benveniste, “numa situação pragmática que implica uma certa intenção de influenciar o interlocutor”, ele se expõe a fazer-se o transmissor de sua eficácia simbólica; mas, sobretudo, arrisca-se a deixar jogar livremente o jogo da leitura, isto é, da construção espontânea, para não dizer selvagem, que faz cada leitor necessariamente submeter-se às coisas que lê. Jogo particularmente perigoso quando é aplicado a textos que não foram escritos e que não são, por isso, protegidos antecipadamente contra as leituras temidas ou recusadas e, sobretudo às afirmações feitas por locutores que estão longe de falar como livros e que, como as literaturas ditas populares, cuja “ingenuidade” ou “inépcia” são o produto do olhar cultivado, têm todas as chances de não encontrar graça aos olhos da maioria dos leitores, mesmo os mais bem intencionados.

17. O discurso da empregada da triagem postal diz bem mais, mesmo se ele diz também aquilo, que o que é dito, com toda a frieza abstrata da linguagem conceitual, numa análise da trajetória social dos empregados das províncias obrigados, muito amiúde, a pagar com um longo exílio parisiense o acesso à profissão ou a promoção na carreira: “São conhecidos, por exemplo, os constrangimentos em matéria de residência que implicam certas carreiras ou o acesso à profissão – por exemplo, cheques postais – onde as promoções são subordinadas a um exílio prolongado”, P. Bourdieu, *La Distinction*, Paris, Minuit, 1981, p. 136.

Escolher a não intervenção, com a preocupação de recusar toda limitação imposta à liberdade do leitor, seria esquecer que, o que quer que se faça, toda leitura já está, senão obrigada, pelo menos orientada por esquemas interpretativos. Pôde-se assim verificar que os leitores desavisados lêem os testemunhos como eles ouviriam as confidências de um amigo ou, melhor dizendo, as conversas (ou tagarelices) a respeito de terceiros, ocasião de se identificar, mas também de se diferenciar, de julgar, de condenar, de afirmar um consenso moral na reafirmação dos valores comuns. O ato político, de uma espécie muito particular, que consiste em tornar público, pela publicação, aquilo a que normalmente não se tem acesso, ou nunca, em todo caso, *sob esta forma*, se encontraria de algum modo desviado, e totalmente esvaziado de seu sentido.

Pareceu, pois, indispensável intervir na apresentação das transcrições, pelos títulos e subtítulos e principalmente pelo preâmbulo, encarregado de fornecer ao leitor o instrumento de uma leitura compreensiva, capaz de reproduzir a postura da qual o texto é o produto. O olhar prolongado e acolhedor que é necessário para se impregnar da necessidade singular de cada testemunho, e que se reserva comumente aos grandes textos literários ou filosóficos, pode-se também concedê-lo, por uma espécie de *democratização da postura hermenêutica*, às narrativas ordinárias de aventuras comuns. Deve-se, como ensinava Flaubert, aprender a olhar para Yvetot do jeito que olhamos para Constantinopla: aprender por exemplo a dar ao casamento de uma professora com um empregado dos correios a atenção e o interesse que se prestaria à narrativa literária de um casamento desigual e a dar às declarações de um operário metalúrgico o acolhimento fervoroso que certa tradição da leitura reserva às formas as mais altas da poesia ou da filosofia.<sup>18</sup>

Nós nos esforçamos, pois, para transmitir ao leitor os meios para lançar sobre as declarações que vai ler esse olhar que dá razão, que restitui ao pesquisado sua razão de ser e sua necessidade; ou, mais precisamente, de se situar no ponto do espaço social a partir do qual são tomadas todas as vistas do pesquisado sobre esse espaço, isto é, nesse lugar onde sua visão do mundo se torna evidente, necessária, *taken for granted*.

18. A recepção do discurso sociológico deve evidentemente muito ao fato que ele se refere ao presente imediato ou à "atualidade" – como jornalismo, ao qual, aliás, tudo opõe. Sabe-se que a hierarquia dos estudos históricos corresponde ao afastamento de seus objetos no tempo. E é certo que não se dará à transcrição de uma homilia do bispo de Creteil, também muito rica de sutilezas retóricas e de habilidades teológico-políticas, a mesma atenção que a um texto de Adalberão de Laon, escrito além disso em latim, e que se dará mais valor a uma declaração, sem dúvida apócrifa, de Olivier Lefèvre, fundador da dinastia dos Ornesson, que a uma entrevista jornalística do último de seus descendentes. Ninguém escapa à lógica do inconsciente acadêmico que orienta esta destruição *a priori* do respeito ou da indiferença e o sociólogo que terá tido êxito em superar nele mesmo essas prevenções terá sem dúvida tanto mais dificuldade em obter o mínimo de consideração exigível para os documentos que ele produz e para as análises que faz porque os diários e os hebdomadários estão cheios de testemunhos sensacionalistas sobre a angústia dos professores ou a cólera das enfermeiras que são melhor feitas, além disso, para dar satisfação a essa forma de boa vontade convencionada que se dá às boas causas.

Mas não há sem dúvida escrito mais perigoso que o texto no qual o escrevente público tem de acompanhar as mensagens que lhe foram confiadas. Forçado a um esforço constante para dominar conscientemente a relação entre o sujeito e o objeto da escrita ou, melhor, a distância que os separa, ele deve se esforçar pela objetividade da "enunciação histórica" que, segundo a alternativa de Benveniste, objetiva fatos sem intervenção do narrador, recusando a frieza distante do protocolo de caso clínico; visando fornecer todos os elementos necessários à percepção objetiva da pessoa interrogada, ele deve usar de todos os recursos da língua (como o estilo indireto livre ou o *como se* cares a Flaubert) para evitar estabelecer com ela a distância objetivante que a colocaria na berlinda ou, pior, no pelourinho. Isto, proibindo-se também da maneira mais categórica (é ainda uma das funções do *como se*) de se projetar indevidamente nesse *alter ego*, que fica sempre, quer se queira ou não, um objeto, para se fazer abusivamente o sujeito de sua visão do mundo.

O rigor, neste caso, reside no controle permanente do ponto de vista, que se afirma continuamente nos detalhes da escrita (no fato, por exemplo, de dizer *sua* escola, e não *a* escola), para marcar que o relato do que se passa no estabelecimento é formulado do ponto de vista do professor interrogado e não do analista). É nos detalhes desta espécie que, se eles não passam pura e simplesmente despercebidos, têm todas as chances de aparecer como simples elegâncias literárias ou facilidades jornalísticas, que afirmam continuamente o afastamento entre "a voz da pessoa" e "a voz da ciência", como diz Roland Barthes, e a recusa das passagens inconscientes de um a outro.<sup>19</sup>

O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode re-produzir o ponto de vista de seu objeto, e constituir-lo como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve se colocar para estar pronto a assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo em uma certa medida, um *alter ego*) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele.

19. Esse controle constante do ponto de vista nunca é tão necessário e difícil como quando a distância social que é preciso superar é uma última diferença na proximidade. Assim por exemplo, no caso da professora cujas locuções favoritas ("eu culpo", "problemas de casais", etc.) podem ter um efeito ao mesmo tempo repulsivo e desrealizante, impedindo de sentir a realidade do drama que elas exprimem, seria muito fácil deixar funcionar as associações da polêmica cotidiana para caracterizar, caricaturando, uma vida e um modo de vida que só parecem tão intoleráveis porque teme-se de reconhecer neles os seus.